

RESENHA

***Reminiscência de um viajante:* 101 episódios, de Luís Antônio C. Romano**

Jaqueson Luiz da Silva¹

O termo “reminiscência” lembra platonismo; “viajante”, a peregrinação, as grandes buscas, as grandes viagens, os Descobrimentos; episódios, a epopeia, os cantos arcaicos dos aedos; o número 101 poderíamos hiperbolicamente interpretar como o método combinatório da navegação virtual do século XXI que, com as suas ferramentas de busca, leva ao infinito, como as infindas viagens de Ulisses, seja ele o de Homero, o de Joyce ou o de Pessoa. Essa pode ser uma interpretação mais ou menos livre do diário de viagem que Luís Romano ficcionaliza a partir de suas experiências pelos quatro cantos do planeta. Apresenta-se o viajante do século XXI como uma ficção dos modos antiquíssimos do viajar.

É na experiência que se tem o efetivo narrador disse, em um escrito epistêmico de encontrar a natureza e gênese dos gêneros do contar, Walter Benjamin; narrador esse reinventado aqui nos 101 episódios de Romano. Lisboa, Paris, Bogotá, Bombaim, Recife, Praga, Santiago, Roma, entre outras cidades turisticamente mais conhecidas; outras, apresentadas e de caráter mais aventureiro são os lugares passados e perpassados pelo narrador do livro, figura ao mesmo tempo outra e mesma do escritor Luís Romano.

O episódio “Prisioneiro em Moscou”, entretanto, pode ser o mais emblemático, no sentido de, mais evidentemente, descrever a cidade russa não pelas lentes de um turista, mas pelos olhos do viajante que, mesmo a essa altura de sua experiência, não deixará de sofrer as aventuras que somente o que peregrina, anda, caminha em busca

de aventura enfrenta, pois somente esse enfrentamento justificaria a saída de casa, para a ela retornar. Dessa forma, o narrador experimenta, mesmo que numa espécie de símile, as vicissitudes dos habitantes do lugar, provocadas pela opressão, carência e privação:

Nenhuma informação. Café da manhã: ovo cozido, pão, chá. Nenhuma informação. No saguão uma antiquíssima senhora, uns 80 anos e uma aposentadoria de dez dólares, fazia a limpeza do hotel, dizia-nos irritada: *room! room! room!* anos de ditadura da burocracia estatal acostumara essas pessoas à desnecessidade de informações, a obedecer e a pensar que mandavam quando cumpriam ordens de sentido desconhecido (p. 42).

A insistência, porém, em uma cidade, nos episódios “Último dia em Praga”, “Berlim-Dresden-Praga”, “Cervejarias de Praga”, “Praga: edifício dançante”, “Museu da Tortura, loja de cristais e almoço” e “Último anoitecer em Praga”, justifica o termo “reminiscência” como que aos olhos do narrador; e é essa a tentativa de demonstrar ao leitor que a cidade de Kafka seria a síntese das reminiscências que só podem ser ficcionalizadas pela narração e, como tais, conformam-se sempre como imitações possíveis. Ideias já distantes da beleza primeira vista:

Mais uma vez a viagem morria, sem que tivéssemos certeza de que poderemos rever a cidade adormecida, que preserva, vivas e intactas, profundas reminiscências infantis [...] Mas talvez a excessiva carga de

¹ Doutor em Teoria e História Literária pelo IEL/Unicamp, professor visitante do Programa de Pós-Graduação *lato sensu* em Literatura do Unianchieta. E-mail: jaquesonls@ig.com.br

emotiva idealização que depositei nas palavras fosse ainda uma forma de saudades das já mortas diferenças (p. 188).

Dessa forma, o que se vê em todos os episódios é um narrador com seu caderninho fazendo anotações, para capturar a memória, como um escritor em férias, segundo o pensamento de Roland Barthes, nas *Mitologias*, quando fala do lugar do escritor na sociedade burguesa: a escrita existe, o escritor não deixa de trabalhar, uma profissão paradoxal em tempos modernos, que acompanha a jornada

proletária e que, contudo, precisa sustentar sua personalidade sacralizada no ofício ininterrupto doado pela Musa (BARTHES, 1993, p. 23-25). Então as reminiscências de Luís Romano são uma oportunidade de rever também os modos burgueses de viajar; um modo que sequestra a experiência e a vende pronta, sequestrando também a possibilidade de ficionalizá-la.

Recebido em junho de 2009 e aceito em fevereiro de 2010.